



Programa Fábrica: um laboratório para a produção de telejornalismo¹

Marília Cândido LOPES²

Celi CAMARGO³

Universidade de Uberaba, Uberaba, MG

RESUMO

Como forma de conciliar teoria e prática o Fábrica foi criado como um projeto experimental do Curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba, na disciplina de telejornalismo. O programa é exibido semanalmente pela TV Universitária cuja abrangência atinge toda a cidade de Uberaba. Produzir um jornalismo aprofundado, crítico e voltado para o desenvolvimento da comunidade local é a proposta deste laboratório.

PALAVRAS-CHAVE: laboratório; telejornalismo; criatividade.

INTRODUÇÃO

O Fábrica é um programa experimental de telejornalismo do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube), que nasceu com o objetivo de ser uma revista eletrônica mesclando reportagens, entrevistas e quadros de entretenimento. No ar há sete anos, exibido semanalmente pelo canal aberto da TV Universitária, o programa é produzido pelos alunos da disciplina de Telejornalismo e conta também com trabalhos voluntários de alunos de outras séries.

Na história do curso de Comunicação Social da Uniube a TV não figurava como uma vocação na formação da habilitação em jornalismo. Embora a disciplina de Telejornalismo estivesse presente na grade curricular, conforme dispõe as diretrizes curriculares do MEC, o jornalismo impresso foi o enfoque prioritário até o final do século XX. No ano de 2002 o curso estabeleceu como desafio a implantação de um programa semanal de TV para que o aluno pudesse vivenciar na prática a produção de um telejornal.

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, Categoria Jornalismo, modalidade Programa laboratorial de telejornalismo (conjunto/série).

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da Uniube, email: marilia.candido@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Uniube, email: celi.camargo@uniube.br



Percebeu-se naquele momento que era preciso dar ao aluno mais que a bagagem teórica, mas a capacidade de exercer o papel de mediador no processo da comunicação. Trabalhar a oralidade, ouvir pessoas, contar histórias através do meio que mais fascina, tanto o produtor quanto espectador, que é a televisão. Como argumenta Medida (2006, p. 23): “Para implementar práticas dessa natureza, somente o caráter laboratorial da narrativa polifônica e polissêmica dá eficácia às boas intenções”.

A aquisição de aparelhagens modernas, como ilha de edição e câmeras digitais, além de um estúdio equipado, propiciaram a montagem do programa. Faltava então a definição do formato. Trabalhar um programa de veiculação semanal dentro de um projeto laboratorial exigiu que fossem levadas em conta algumas considerações: 1º) o programa tem hora e dia para entrar no ar; 2º) a equipe é formada por aprendizes que necessitam de um tempo maior para conseguir dominar a prática de se fazer reportagem para TV; 3ª) fazer com que o *deadline* seja um compromisso e não um engessamento do processo de produção.

Geralmente o estudante sempre conta com a possibilidade de entregar o trabalho no outro dia e espera do professor a complacência para os problemas que ele enfrenta no dia-a-dia. No caso de um programa com data e hora para entrar no ar não há complacência que dê jeito. As tarefas têm que ser cumpridas a tempo. Estabelecer uma rotina diária de trabalho, respeitando-se um cronograma de produção exequível, foi a alternativa adotada e que é aplicada em cada turma que trabalha na produção do programa Fábrica.

Outro desafio era fazer cumprir as diretrizes do projeto pedagógico do curso que prevê a produção de trabalhos focados na responsabilidade social, humanização e criatividade, tal como propostos por Lima (1999). Juntos a esses três elementos, a proposta do Fábrica era a de mostrar um jornalismo diferenciado do que é praticado pela mídia local, fugindo das reportagens óbvias e tentando mostrar em cada fato um outro olhar que não fora abordado. Nascia então a linha editorial do programa que é a de encontrar na cidade, fatos que fazem parte do dia-a-dia da comunidade e que comumente são descartados pela imprensa ou são divulgados superficialmente. Fugir da superficialidade é uma regra. A propósito, esta é a tônica das produções do curso de Comunicação da Uniube, tal como defendido por Fonseca (2004, 2005) e Fonseca e Santos (2008).

Contrariando aqueles que afirmam ser a notícia um produto à venda e exposta na vitrine do capitalismo industrial, a proposta do Fábrica é produzir uma notícia que não está à



venda. Despojada do interesse comercial e sem sofrer ingerências políticas ou censura de quem quer que seja, a notícia no Fábrika ganha uma nova roupagem, em que, editorialmente, qualquer assunto pode ser transformado em notícia, reportagem ou documentário, desde que levado em conta os critérios éticos, estéticos e técnicos.

Assim, o grande laboratório a que o programa se resume começa com a missão de abrir a mente dos alunos para fugir do jornalismo televisivo convencional e buscar novas e mais aprofundadas formas de se produzir notícias para a TV. Seria como praticar um jornalismo de resistência tendo como um dos preceitos básicos, conforme destaca o Pena (2005), a autocrítica antes e depois da reportagem.

O contato do aluno com a produção do programa começa na discussão de pautas. Durante as reuniões o aluno aprende a enxergar e propor temas que são fundamentais no cotidiano das pessoas, em especial o jovem, para quem o programa está voltado. A produção das pautas não se limita apenas a um levantamento de dados frios e distantes do cenário onde o assunto será reportado. O aluno aprende com a pesquisa de campo a produzir para a reportagem de TV. Nesta pesquisa de campo, além da coleta de informações, eles trabalham com a observação participante, um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento de um jornalismo mais humanizado, tal como proposto por Lima (1995).

A definição do gancho da reportagem, por onde ela vai começar e quais os caminhos que irá percorrer, é decidido pelo aluno sob a supervisão do professor. Neste ponto o aluno tem a liberdade de trabalhar a reportagem explorando ao máximo a criatividade. Além disso, o contato com a realidade e a imersão nas histórias das fontes propicia a ele a condição de ler o mundo de uma maneira mais crítica, fazendo-o perceber o papel de mediador do comunicador e de como ele pode interferir positivamente na transformação da realidade. Ou melhor, como argumenta Fonseca (2005), um jornalista capaz de atuar como uma reflexão, e não como um mero reflexo da sociedade. “Enfim, um trabalhador social capaz de assumir sua responsabilidade política na transformação da sociedade.”

Ao trabalhar extra-sala de aula, produzindo reportagens diárias os alunos têm a oportunidade de perceber que mais do que dominar a técnica do telejornalismo é preciso ter conteúdo. Na entrevistas de campo o repertório de informações e conhecimento do aluno está em jogo diante da fonte. Por mais que ele obtenha da pauta um apoio fundamental para a execução da reportagem, ele percebe que é preciso ir além. No



Fábrica os alunos são incentivados a desafiar cada vez mais a pauta e não, se tornarem escravos dela.

No momento de redigir o texto, para finalizar a reportagem, se dá a somatória do conjunto das técnicas que ele aprendeu sobre jornalismo e do conteúdo das disciplinas teóricas. É no texto que se mede a compreensão e profundidade da narrativa do autor. Como diz Armando Nogueira, jornalista, ex-diretor da Central Globo de Jornalismo, no livro Pais da TV: a história da televisão Brasileira:

“(...) a imagem é realmente importante porque mostra o fato jornalístico e que é esse seu papel, mas a palavra também era fundamental para a compreensão do fato porque esclarecia. Logo, o texto tem um papel que não é subsidiário, mas essencial na composição das duas linguagens a serviço da informação. Hoje admito que perdi essa parada no telejornalismo porque não consegui passar para as gerações com as quais trabalhei a valorização da palavra TV. Desde então tenho percebido que a língua falada na TV empobreceu muito”.

Dar qualidade ao texto fazendo uma junção entre informação (dados), emoção (através da incorporação da estilística), humanização (através da escolha de personagens relevantes dentro da reportagem) coerência e a coesão, bem como as regras gramaticais é um dos desafios no processo deste ensino-aprendizagem. Isto tudo, sem desprezar as características básicas do texto jornalístico que é a precisão, exatidão, concisão, objetividade, e veracidade dos fatos. A experiência do programa Fábrica tem mostrado que o aluno consegue fazer a adaptação textual, passando da linguagem do impresso para a linguagem de TV sem traumas e sem superficialismo.

Depois do texto pronto é hora de trabalhar a edição. Auxiliados em sala de aula pela teoria eles aplicam na prática dentro da ilha de edição o casamento entre texto e imagem. Neste momento eles compreendem melhor a gramática da imagem, a semiótica presente nesta forma de comunicação. A importância dos movimentos, ângulos de filmagem, da iluminação e os efeitos de transição empregados como recurso da linguagem televisiva. Os alunos percebem todo o percurso feito pela produção de uma reportagem de TV até chegar no momento da exibição. É neste ponto que eles conseguem compreender que o jornalismo na TV vai além do glamour de estar diante das câmeras.



Na apresentação os alunos redigem os *scripts* e dirigem a gravação das cabeças em estúdio. A postura do apresentador, os planos de enquadramento a importância da iluminação, o vestuário, o cenário são pontos de análise e estudo dos alunos nesta fase de produção do programa. A diferença entre o apresentador que é um mero leitor de Telepronter (TP) e a de um âncora fica claro dentro do processo de aprendizagem prática. O processo de montagem do programa é feito por um técnico mas é acompanhado pelo aluno.

2 OBJETIVO

Criar um espaço laboratorial em que o aluno possa praticar o aprendizado teórico do fazer telejornalismo, vivenciando todas as etapas de produção de um programa: da pauta à apresentação.

Possibilitar ao aluno o espaço para a produção de um jornalismo mais aprofundado fugindo da superficialidade ao qual está fadado o jornalismo televisivo brasileiro.

Proporcionar ao público da cidade de Uberaba um diferencial na programação jornalística exibida na cidade. .

3 JUSTIFICATIVA

Conciliar teoria e prática sempre foi um dos desafios do curso de Comunicação, em especial da habilitação em Jornalismo. O aluno chega ao curso afoito por aprender, quase que da noite pro dia, a ser jornalista. A maioria chega tendo como modelo de jornalismo Willian Bonner e Fátima Bernardes, como se o jornalismo se resumisse nos dois apresentadores do Jornal Nacional, da rede Globo. Sabemos que estes são grandes profissionais de merecida notoriedade; porém, até que o aluno compreenda que o processo é mais longo e requer muito mais que luzes, câmera e ação, leva-se tempo.

Desde 1978 quando o Conselho Nacional de Educação baixou a resolução 03/78 exigindo a implantação de laboratórios nos cursos de comunicação Social para que os alunos pudessem colocar em prática a teoria a realidade dos cursos foi mudando. Em



1984 uma nova resolução determinou prazos para que todos os cursos se adequassem quanto a aquisição de equipamentos que satisfizessem a necessidade de o aluno exercer a prática, já que o estágio supervisionado estava proibido.

“Nasce também nessa etapa a estrutura de redações-modelo melhor equipadas, com ênfase para o aspecto prático, para acabar com o estigma, criado por jornalistas formados nas redações, de que os bacharéis em jornalismo chegam aos meios de comunicação cheios de teoria na cabeça mas sem nenhuma prática. A ênfase dada aos órgãos laboratoriais visa preparar melhor o estudante para enfrentar a prática nas redações.” (MELO, 1974)

O desenvolvimento tecnológico, ao qual a comunicação está diretamente ligada, ocupa muitas vezes o papel de vilão da história dentro dos cursos de comunicação Brasil a fora. Isto porque, adequar a necessidade de ter laboratórios completos e ao mesmo tempo acompanhar a evolução tecnológica desses equipamentos é um malabarismo econômico que requer muita perícia e habilidade da instituição superior de ensino.

No caso da Universidade de Uberaba, desde 2001 os laboratórios de mídia eletrônica e digital estão recebendo investimentos satisfatórios. A ilha de edição digital dispõe de softwares capazes de proporcionar ao aluno desafios na descoberta do processo de edição, sempre visando conciliar criatividade e compromisso ético. Desde então a implantação de projetos que pudessem atender a necessidade do curso de formar alunos com relevante bagagem teórica e com capacidade de empenhar a prática tornou-se numa meta a ser cumprida.

Não obstante, o curso em seu projeto pedagógico é enfático ao priorizar a formação intelectual do aluno. Não desprezando as matérias específicas, mas fazendo crer que uma é complemento da outra. Como notou Fonseca (2005), as próprias diretrizes curriculares registram a importância da articulação da teoria com a prática, “valorizando atividades de pesquisa, estágio e extensão, sublinhando que a instituição de ensino deve integrar o saber acadêmico ao exercício profissional.”

“Freire observa que é um equívoco histórico a associação entre “teoria” e “verbosidade”. Nesse sentido distorcido, a teoria é apresentada como uma abstração, como uma oposição à vida prática. Mas para ele, a teoria implica “numa inserção na realidade, num contato analítico com o existente, para comprová-lo, para vivê-lo (...) praticamente”. Assim, teorizar é instrumentar

a contemplação do mundo concreto. “Nossa educação não é teórica porque lhe falta esse gosto da comprovação, da invenção, da pesquisa. Ela é verbosa. Palavresca.” (FREIRE, 1983, p. 93). E essa educação desvinculada da vida, centrada na palavra esvaziada da realidade, torna-se um impedimento para a aplicação da teoria na transformação da sociedade. “Em lugar de você usar o conceito (...) como mediador da compreensão do concreto, você termina ficando na descrição do conceito. Esse é o comportamento do nosso jovem dentro da universidade.” (FONSECA, 2005)

Assim, o curso de Comunicação da Universidade de Uberaba, através do Fábriça está cumprindo a missão de preparar o aluno para os desafios do mercado, dando a ele não só a prática, mas despertando nele o senso criativo, a capacidade de trabalhar em equipe e proporcionando que ele tenha uma visão aprofundada do mundo que o cerca.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Conforme os manuais de telejornalismo tudo começa pela produção da pauta, que na televisão tem uma importância maior que em outros veículos. “A atenção exigida aos detalhes necessários para a elaboração de uma reportagem na TV aumenta a importância do planejamento”. (BARBEIRO; LIMA, 2002)

No início da semana, às segundas-feiras é feita uma reunião de pauta com os alunos envolvidos na produção do programa. Na ocasião é feita uma avaliação do último Fábriça destacando os problemas e acertos registrados. Sempre na discussão de pauta o aluno é incentivado a pensar assuntos que possam provocar uma reflexão maior no público. Definida as pautas, dividem-se as tarefas entre os produtores para efetivar a produção.

O processo de produção das pautas envolve não só o contato com as fontes via telefone ou e-mail, mas também o processo de pesquisa de campo. *In loco* os produtores analisam a viabilidade da pauta, definem os personagens e ficam cientes dos equipamentos que serão necessários para as captações, como tipos de microfones (lapelas, boom ou direcional), iluminação (*sun gun*, luz a bateria) e rebatedores.

Pauta pronta, roteiro definido, a equipe de reportagem composta por cinegrafista, repórter e produtor vão às ruas para produzir a reportagem. A pauta é discutida com o



cinematógrafo que é aconselhado a pegar um maior número de cenas em planos e ângulos variados para possibilitar um melhor trabalho de edição. Na gravação das sonoras o repórter se posiciona a frente do entrevistado com o cinematógrafo às suas costas. “O foco vai ser fechado no entrevistado pelo espaço acima do ombro do repórter. Desta forma quando ele responder olhando para o repórter estará automaticamente olhando para a câmera”. (PRADO, 1998, p 33.)

A passagem é obrigatória para que o aluno possa perder a inibição diante as câmeras. Esta é gravada no local da captação dos fatos. De volta à Universidade o repórter é orientado a escrever o texto imediatamente para, assim, aproveitar as sensações vivenciadas no momento da captação. Após a correção do texto o repórter grava os *offs* no estúdio de áudio do laboratório de rádio. O material bruto e o roteiro final é repassado para o editor de texto. Utilizando o programa *Adobe Premier*, o técnico responsável faz a edição junto com o aluno. A pós-produção também é comandada pelo próprio aluno-editor.

Enquanto todo material é editado, um grupo de estudantes cuida da redação do *script*. Este mesmo grupo se responsabiliza pela direção da gravação das cabeças. Na sexta-feira o programa é montado quando são inseridos também os Geradores de Caracteres (GCs). O *Fábrica* é levado para emissora TV Universitária, canal 7, e veiculado aos sábados às 18h.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O *Fábrica* é um programa de 30 minutos, dividido em três blocos de 9 minutos cada, o restante do tempo é dedicado aos intervalos comerciais. Com formato de uma revista eletrônica ele apresenta uma programação diversificada contendo reportagens sobre meio ambiente, histórias de vida, assuntos ligados ao cotidiano dos moradores da cidade; notícias rápidas narradas em *stand up*; dois quadros fixos que são o *Papo Coletivo* em que os alunos fazem enquetes com a população, e o *Foca na Mídia*, em que o aluno pratica a entrevista de estúdio. O quadro mais recente do programa é a *Barca de Noé*, que estreou no segundo semestre de 2008, com o intuito de valorizar o potencial de um aluno cadeirante, Noé Maia. Nele o estudante entrevista outros portadores de necessidades especiais, que contam suas histórias de vidas. As gravações ocorrem em



locais que se relacionam com o gancho da entrevista, que podem ser, por exemplo, a casa, o local de trabalho ou lazer. A conversa é descontraída, informal, sem deixar de ser esclarecedora no que tange a trajetória da pessoa, seus pontos de vistas e vitórias sobre preconceitos e dificuldades. O diferencial do quadro é, além de trazer histórias sobre cidadãos uberabenses que não vemos na mídia local, a ruptura com o mito do “padrão global” de repórteres. A produção da Barca de Noé conta com a colaboração de outros alunos que, voluntariamente, podem elaborar pautas, encontrar fontes, agendar entrevistas e fazer a pré-entrevista.

O videografismo do programa é trabalhado pelo técnico seguindo sugestões dos alunos. As vinhetas nasceram também de sugestões das pelos alunos, sempre sob orientação dos professores.

6 CONSIDERAÇÕES

O Fábrica tem se revelado um excelente espaço para o exercício do telejornalismo, sendo um programa de destaque na cidade. Ele permite ao aluno errar e aprender com o erro. Ele tem revelado talentos que são incorporados ao mercado de trabalho. Uma outra característica desta experiência é o resgate da auto-estima de muitos alunos que chegam sem acreditar do potencial que eles têm.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro, Campus, 2002.

FONSECA, André Azevedo da. **Cotidianos culturais e outras histórias: a cidade sob novos olhares**. Uberaba: Uniube, 2004.

_____. Jornalismo para a transformação: a pedagogia de Paulo Freire aplicada às Diretrizes Curriculares de Comunicação Social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0561-1.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2009.

FONSECA, André Azevedo da.; SANTOS, Graziela Tavares. Revelação: jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Uniube. In: EXPOCOM SUDESTE, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2008. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/expocom/expocomsudeste/index.php/jor-2008/article/downloadsupload/953/994>>. Acesso em: 28 mar. 2009.



LIMA, Edvaldo Pereira. **O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: Unicamp, 1995.

_____. O jornal-laboratório Revelação e a humanização da narrativa jornalística. **ABMES Cadernos 4**: Prêmio Top Educacional Mário Palmério 1999. Disponível em:<
http://www.abmes.org.br/Publicacoes/Cadernos/04/top_3.asp>. Acesso em: 20 mar. 2009.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. Paulus, 2006.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. Contexto, 2005

PRADO, Flávio. **O ponto eletrônico**: Dicas para fazer telejornalismo com qualidade. Publisher Brasil, 1998

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

SQUIRRA, Sebastião. **Telejornalismo, produção e técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MELO, José Marques de. **Teoria do Jornalismo**: identidades Brasileiras. Paulus, 2006